**REFLEXÕES SOBRE CURRÍCULO CULTURAL EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES E A SOLIDARIEDADE**

Anna Clara Rodrigues Sondahl Bibiani

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Resumo

Fomentado por reflexões de como funcionam currículos culturais não-escolares e quais suas potencialidades para o acolhimento de alteridades e exercício de solidariedade, o trabalho dialoga com o campo do Currículo e aportes pós-estruturais com o intuito de problematizar e questionar as identidades e os fundamentos fixos na produção curricular (LOPES; MACEDO, 2011), entendendo cultura e currículo como fluxo de enunciação e significados (PEREIRA, 2012). O diálogo entre cultura e o currículo no contexto de uma organização social sem fins lucrativos, formados por voluntários de diferentes áreas, apresenta-se como possibilidade de espaço educativo não-escolar e espaço de construção coletiva de acolhimento de subjetividades e alteridades.

Palavras Chaves: Currículo; Currículos não-escolares; Solidariedade.

 O presente trabalho parte de reflexões de como funcionam currículos culturais não-escolares e quais suas potencialidades para o acolhimento de alteridades e exercício de solidariedade. Trata-se de um questionamento que surge a partir de leituras e discussões dentro da universidade, mas que olha para uma realidade que, pessoal no meu caminho como professora, é contingencial sujeita a diversas interpretações. Sem maiores pretensões, é um exercício de pensamento livre que se assume apenas no exercício da liberdade do pensar e na experimentação. Esse entendimento parte da apropriação  de  Derrida (2003),  pois, a seu exemplo, também entendo e acredito em uma universidade sem condição, incondicional, que tudo pode e deve questionar, que “faz profissão da verdade. Ela declara, promete um compromisso sem limites para com a verdade” (p.14).

 É a potência de entender o pensamento da universidade, e das humanidades, em uma perspectiva de desconstrução, como lugar de resistência crítica a todas as formas de poder. A desconstrução é entendida aqui como uma postura que questiona e problematiza os regimes de verdade disputados discursivamente. A postura desconstrucionista implica na tarefa de examinar e contestar os limites impostos e os fundamentos estabelecidos nos discursos comuns à educação de forma que possibilite estar abertos ao encontro com o outro e com infinitas possibilidades de pensar e experimentar determinado contexto. A potência declarada aqui é sobre o exercício do pensamento livre da universidade e a preciosidade de um currículo não-escolar articular  possibilidade de se opor ao homogêneo para pensar naquilo que temos por vir.

 Como parte daquilo que me ajuda a ler e significar o mundo, sou integrante de uma organização social sem fins lucrativos que surgiu em 2015 como resultado da organização social e política gerada na luta por direitos trabalhistas dos garis em 2014. A organização acredita na educação “como forma de transformação da sociedade. Esta forma de educar, no entanto, não se restringe a fins formais como vestibulares, tampouco a sala de aula. [...] formam um grande projeto de educação que almeja estimular uma compreensão crítica sobre o mundo”.

 O diálogo entre cultura e o currículo no contexto de uma organização social sem fins lucrativos, formados por voluntários de diferentes áreas, apresenta-se, desta forma, como espaço educativo não-escolar comprometido com o acolhimento de subjetividades e alteridades. Aponto a contribuição do currículo cultural não-escolar nas formas de ressignificar o mundo e em potencializar saberes da cultura local. Este currículo não-escolar valoriza os saberes e vivências dos alunos, os colocando como protagonista no compartilhamento de conhecimentos e saberes. Oficinas, rodas de conversa e debates são utilizados como estratégia na circulação de ideias e articulações co tantas ouras demandas da visa contemporânea, onde estudantes assumem protagonismo ao compartilhar suas expectativas e ajudam na construção do currículo da instituição.

 A temática aproxima-se de aportes pós estruturais para pensar questões da educação de uma forma menos essencialista e determinista, entendendo que pensar e discutir questões da educação não perpassa, necessariamente, por processos vinculados à escola ou espaços formativos institucionalizados. Como lembra Lopes (2013), os movimentos pós ganham força na medida em que, no mundo globalizado, surgem e se intensificam novas formas de conhecer e compartilhar, colocando em questão “perspectivas emancipatórias vinculadas ao conhecimento”(LOPES, 2013, p. 9).

**A solidariedade e o acolhimento de subjetividades e alteridades**

 Com Lopes e Macedo (2011), tenho entendimento de currículo como um campo híbrido de incessantes disputas por significações e fixações sempre provisórias e contingentes. Currículo, portanto, é entendido como prática discursiva permeada por relações de poder e processos de significação e de atribuição de sentidos.

 Trata-se de pensar currículo como prática cultural de significação  contextual e, assim, impossível de se capturar ou planejar. Contextual, fala sobre uma alteridade, do outro, e sobre um futuro incerto e monstruoso (MACEDO,2018), pois é impossível de prever ou capturar em um planejamento ou projeção, revelando a possibilidade do acolhimento e cultivo de solidariedade.

 Para considerar os movimentos culturais no contexto de uma organização popular e sua potencialidade para pensar currículo, apoio-me em Macedo (2006), para assumir a centralidade do currículo na cultura, para além do conhecimento, na contramão de lógica que entende o potencial político da cultura reduzida ao “exercício de práticas de escolhas ligadas ao consumo” (p. 285). É a partir do entendimento do currículo como prática cultural que articula com a economia, cultura e política que interessa olhar para currículos não-escolar para além da ordem e subordinação da educação ao ensino.

 A noção derridiana do porvir, permite aproximar a educação com o pensamento da desconstrução, uma postura que questiona e problematiza os regimes de verdade disputados discursivamente. A postura desconstrucionista proporciona um afastamento do entendimento da educação como uma definição correta e exata e acabada. Para um agir na educação aberta ao acontecimento e a chegada do outro, a solidariedade, afeto defendo o entendimento de uma educação como abertura do porvir, que pensa a propõe a prática a partir do contato, como os espaços compartilhados por corpos diferenciados dos movimentos sociais e seus currículos culturais não-escolares.

 Neste sentido, é necessário questionar noções que buscam capturar e reduzir sujeitos que fazem a educação, os outros, em uma lógica linear de causa-efeito, onde se defende que é possível projetar a formação de uma pessoa idealizada. Entendo e defendo a potencialidade do currículo não-escolar como o de movimentos sociais como experiência única e transformadora, como momento de encontro com o outro, com o original e alteridade, reconhecendo a imprevisibilidade e preciosidade de cada sujeito uma vez que abandonada a tentativa de controle sobre a formação e identidade do outro. A educação entendida como invenção frente ao impossível permite que o acontecimento ocorra e possibilita práticas de educação acolhedora das diferenças e alteridades.

 A proposta de pensar educação no contexto da criação de um currículo não-escolar apresenta-se como um convite para construirmos uma outra lógica de se pensar conhecimento e práticas de aprendizagem para (des)sedimentar verdades cristalizadas que continuam contribuindo para que as permanências nas escolas sejam tão desiguais (PEREIRA, 2019).

Referências

DERRIDA, Jacques. **A universidade sem condição**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

\_\_\_\_\_\_. Penseur de l’événement (entretien avec Jérôme-Alexandre Niesberg). L’Humanité, Paris, 28 janvier 2004 Apud FILHO, Osvaldo Fontes. Uma “possibilidade impossível de dizer”: o acontecimento em filosofia e em literatura, segundo Jacques Derrida. **Trans/Form/Ação**, v. 35, n. 2, p. 143-162, Maio/Ago., 2012.

LOPES, A. C. Discursos nas políticas de currículo**. Currículo sem Fronteiras**, v.6, n. 2, p.33-52 jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss2articles/lopes.pdf > . Acesso em: 20 maio 2017.

LOPES, A. C.Teorias pós-críticas, política e currículo. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 39, p. 7-23, 2013.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. **Teorias de Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

MACEDO, Elizabeth. Que queremos dizer com educação para a cidadania? In: LOPES, Alice C. et al (Orgs.). P**olíticas educativas e dinâmicas curriculares no Brasil e em Portugal**. Petrópolis: DP et Alii; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008. p. 89-114.

MACEDO, Elizabeth. Currículo e competência. In: LOPES, Alice C.; MACEDO, Elizabeth(Orgs.). **Disciplinas e integração curricular: história e políticas.** Rio de Janeiro: DP&A,2002. p. 115-143.

MACEDO, Elizabeth. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, 2006.

MACEDO, Elizabeth. Currículo e conhecimento: aproximações entre educação e ensino. **Cadernos de Pesquisa**, [S. l.], v. 42, n. 147, p. 716-737, set./dez. 2012. Disponível em:<https://doi.org/10.1590/S0100-15742012000300004> . Acesso em:  10 ago. 2022

MACEDO, E. (2018). A teoria do currículo e futuro monstro. In Lopes, A.; Siscar, M. (Org.) **Pensando a política com Derrida: responsabilidade, tradução e porvir.** São Paulo: Cortez, p. 153-177.

PEREIRA, Talita V. (Des)sedimentar sentidos de avaliação para possibilitar processos de avaliação mais justos e responsáveis. In: ORTIGÃO, M. I. R.; FERNANDES, D.; PEREIRA, T. V.; SANTOS, L. (Orgs.). **Avaliar para aprender no Brasil e em Portugal: perspectivas teóricas, práticas e de desenvolvimento**. Curitiba: CRV, 2019, pp.257-272. (Série: Temas de Currículo, Docência e Avaliação).

PEREIRA, Talita V. Gramática e lógica: jogo de linguagem que favorece sentidos de

conhecimento como coisa. **Currículo sem Fronteiras**, [S. l.], v. 3, p. 600-616, 2017.

Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol17iss3articles/pereira.pdf>  Acessoem: 02 jun. 2019.

PEREIRA, Talita V. Docência & qualidade de educação: significantes em disputa. **Série**

**Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, [S. l.],v. 24, n.50, p. 157-175, 2019. Disponível em:

<https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1156> . Acesso em: 30 out. 2020.

PEREIRA, Talita V. As contribuições do paradigma pós-estruturalista para analisar as

políticas curriculares. **Espaço do Currículo**, [S. l.],v. 3, n. 1, p. 419-430, 2010. Disponível

em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/article/view/9102> . Acesso em:10 ago. 2022.

PEREIRA, Talita Vidal. Currículo como teia de significados. **Revista Teias**, v.3 n.127,

p.161-176, jan/abr., 2012. Disponível em:

<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24258/17237> Acesso em 10 ago.2022